

Acaso, destino, memória

Luiz Meyer*

Quando eu era bem criança, ia freqüentemente de trem noturno ao Rio de Janeiro, onde morava Esther, minha jovem madrinha. Zelosa de seu papel, ela insistia com meus pais para que eu passasse com ela longas temporadas. “Tia” Raquel e “tio” Hyman, de quem era filha, possuíam um casarão em Copacabana. O térreo de sua fachada era composto por um terraço estreito, revestido de pedras rústicas, que ficava muito próximo à rua. Esse terraço era quase todo ocupado por um sofá-balanco cujo assento era feito de fitas de aço multicores. Nele sentada, minha tia iniciava as compras do dia negociando com os vendedores ambulantes de peixe, de frutas e de legumes, que baixavam dos ombros seus balaios e os dispunham no chão da entrada. Mas a primeira a chegar era a carrocinha do leite, esperada pelas empregadas que corriam para encher as jarras que seriam usadas no café-da-manhã. Já a varanda que dava para os fundos era bem mais ampla, correndo por toda a largura da casa, e nela ficavam dependuradas várias gaiolas com passarinhos. Era meu tio mesmo que, de manhã, alimentava os bichinhos e trocava o papel que as forrava. Depois, à guisa de instruir-me sobre hábitos alimentares saudáveis, quebrava dois ovos crus na ponta dos dentes e os fazia escorrer goela abaixo, mostrando seu muque fortalecido. Mais além dessa varanda se estendia um pequeno pomar: Leonel, o motorista, usava para colher as frutas uma vara comprida em cuja ponta amarrara uma tesoura de mola, um barbante e uma cestinha; manobrando com astúcia, cortava os talos das mangas e, amparando-as delicadamente, as fazia cair na caçapa. Depois a festa era conosco.

Era uma gente abastada, generosa, rodeada de empregados e agregados, que ali permaneceriam por anos, e que me envolveu em uma atmosfera de carinho e afeição. Ademais, única criança da casa, eu merecia a atenção continuada de todos.

Tomávamos o trem – chamava-se “Cruzeiro do Sul” – na Estação do Norte e ocupávamos uma cabine com dois leitos. O adulto que me acompanhava explicava o trabalho do chefe da estação apontando como ele inspecionava as rodas dos vagões com uma lanterna de acetileno e as testava nelas batendo com um martelo de ferro. Às dez da noite ele se perfilava, dava um longo apito, o trem respondia,

tocava o sino e começava a se mover. O sono vinha fácil.

Foi então que, numa dessas viagens – eu devia ter pouco mais de três anos –, antes de chegar ao Rio, já de manhã, o trem parou numa pequena estação quase deserta. Aproximei-me da janela e vi na plataforma dois meninos, um pouco mais velhos do que eu. Estavam descalços, vestiam uma roupa gasta e escura, pareciam sujos, pobres, malcuidados. Permaneceram em silêncio, imóveis, alcançando para mim olhares fixos, intensos e por demais tristes. Separado dos garotos pelo vidro da janela, fiquei a olhá-los, de dentro da cabine, durante um tempo indefinido tomado por um sentimento de impotência, um peso depressivo, uma dor debaixo da unha. Quando o trem partiu, senti, sem bem compreender, que minha vida havia mudado profundamente.

O vagar da memória produz evocações, no mais das vezes associativas, que trazem à mente situações diversas e dispersas. Procuramos encadeá-las de modo a firmar e confirmar nosso eixo identitário, criando uma trajetória biográfica que possa ser abordada “em perspectiva”. Nela apoiados, falamos de nós mesmos ao interlocutor do momento — eventualmente nossos próprios botões. Entretanto, o que penso abordar aqui não é o eventual fluxo de reminiscências, o despertar de recordações iniciado por alguma percepção ou circunstância aparentemente fortuita, que nos dirige para uma experiência afetiva singular (o circuito podendo, é claro, ocorrer no sentido inverso: é quando uma experiência desse gênero faz aflorar toda uma corrente de evocações). O campo de meu interesse é outro: nos últimos anos foi surgindo em mim uma crescente curiosidade sobre as lembranças de acontecimentos que as pessoas consideram determinantes no encaminhamento do sentido de suas vidas. A reflexão se iniciou a partir de uma atenção mais concentrada no evento que acabei de descrever, por mim considerado um divisor de águas, um marco que acabou por determinar a forma como passei a conceber as relações humanas.

O que me atrai, então, é a lembrança retida, como um registro disponível à consciência, evocável, ao qual o sujeito atribui, sem hesitação, um valor fundante na determinação de seu destino.

O que lhe dá peso não é tanto o efeito traumático – eventualmente presente –, mas a crença pessoal assentada com firmeza, isto é, sem nenhum traço de ilusão, de que aquela experiência pontual despertou uma compreensão interna, uma descoberta intuitiva que, olhada em retrospecto, organizou a sua visão de mundo. Quando evocada, a recordação sempre confirma a carga reveladora e transformadora que motivou sua inscrição. É o que me leva a afirmar que ali, naquela estação de subúrbio, revelaram-se para mim a injustiça social, e o desamparo e a desesperança que ela causava. Percebi que eu devia apenas ao acaso ter sido colocado do lado protegido da barreira. Nenhum mérito próprio justificava as benesses que eu usufruía; fora o destino cego, e não algum valor pessoal que me colocara dentro do trem e aos meninos na plataforma da estação. Era preciso corrigir isso; era necessário organizar um mundo que desse as mesmas oportunidades a todas as crianças. Então, aí sim os mais dotados e capazes ocupariam os lugares que lhes eram devidos. Foi assim, amparada nesse projeto, que a melancolia nascente refluíu e cedeu lugar à construção de um ideal de ego.

Fosse essa a fala de um paciente numa sessão, eu certamente afiaria a minha escuta. É que o narrador parece empenhado em “convencer” o interlocutor, ordenando seu discurso de forma racional, concatenada, assertiva, detalhista, conferindo-lhe uma continuidade que parece obstruir qualquer escape inconsciente. Por outro lado, o material se apresenta como um relato claramente desdobrado em dois tempos: no primeiro se descreve uma felicidade fluida, um paraíso habitado; já o segundo é um corte que desestabiliza e contextualiza o primeiro.

Assim, malgrado o tom sincero com que é contado, uma aura de artificialidade parece envolver e impregnar o conteúdo da história do paciente, provocando no analista uma sensação de desconforto: de um lado ele experimenta uma certa empatia em face da situação vivida pelo narrador; de outro, ele desconfia dessa atração e do foco algo estreito que lhe é oferecido para pensar. Um campo com esse tipo de configuração, e a ambivalência dela decorrente, podem levá-lo a pensar que sua atenção está sendo atraída para uma cena cuja finalidade é encobrir outra, que o paciente não pode ou não consegue revelar. Ele estaria então diante de uma recordação encobridora, verdadeira “ilha isolada” de lembrança, como a chamam tanto Greenacre (1949) como Castelnuovo (1978), e que indica a presença de uma experiência afetiva inassimilada “no continente perdido da experiência infantil” (Greenacre, 1949, p. 73).

Freud (1889/1962), ao estudar o tema, vê na recordação encobridora mais do que uma ilha: há aí um momento imobilizado de vida. Para ele, sua construção se faz retroativamente, a partir de uma necessidade provocada pelo presente. Assim, Freud escreve:

Nossas memórias de infância nos mostram nossos anos iniciais não como eles foram, mas como pareceram em períodos posteriores, quando as memórias foram despertadas. Nestes períodos de surgimento, as memórias de infância não emergem, como as pessoas costumam dizer, elas são formadas nesse momento. E um número de motivos, sem relação com a exatidão histórica, tem uma parte na sua formação, assim como na seleção das próprias memórias (Freud, 1889/1962, p. 322).¹

Aparece já aqui a menção a “um número de motivos” alheios “à exatidão histórica” que põe em dúvida a veracidade do que é lembrado e, portanto, de nossa crença no que é evocado. Freud pensa que essa auto-ilusão segue a mesma dinâmica do sintoma; o paciente procura um substituto, usado como compromisso, para ocupar o lugar da lembrança perturbadora:

O resultado do conflito é, portanto, que, no lugar da imagem mnêmica que se justificaria pelo acontecimento original, é produzida uma outra em algum grau deslocada associativamente pela anterior. E, uma vez que os elementos da experiência que provocaram a objeção foram precisamente os importantes, à memória substitutiva necessariamente faltarão aqueles elementos importantes e, em conseqüência, muito provavelmente nos dará a impressão de ser trivial. Ela parecerá incompreensível para nós porque somos propensos a procurar a razão de sua retenção no seu próprio conteúdo enquanto, de fato, a retenção é devida à relação existente entre seu conteúdo e um outro, diferente, que foi suprimido (Freud, 1889/1962, p. 307).

É fácil perceber, contudo, que meu relato não se encaixa com facilidade no conceito freudiano de recordação encobridora nem na descrição que dela faz habitualmente a literatura sobre o tema. Esta a representa formada por imagens intensas, luminosas, distintas, recortadas; o narrador que as presencia se comporta como um observador desengajado. E, como Freud assinala, em contraste com a força desse impacto visual o conteúdo é inócuo, trivial, incongruência que por si mesma já apontaria para a existência de uma distorção.

Ora, no meu caso a eventual deflexão de foco não ocorre sobre um fato familiar ou inexpressivo. Pelo contrário: ela investe uma cena dramática, flagrando um momento de miséria e depressão que emana da postura dos meninos, captados como pequenos personagens de um romance de Dickens. A escolha de uma cena tão perturbadora faz pensar que talvez, menos do que evitar o intolerável, eu estivesse procurando uma alternativa para experimentá-lo e exprimi-lo, ocultando, porém, a origem do meu sofrimento.

A bem dizer, a intuição de que minha tão contundente e iniciática experiência infantil pudesse abrigar uma in-

* Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

¹ Tradução livre do autor.

tenção segunda só me ocorreu tardiamente, já adulto, quando o relato do episódio parecia estabilizado e comodamente incluído no rol de meus mitos pessoais. A mudança foi estimulada pela leitura de um momento da autobiografia de Joaquim Nabuco (que abordo em seguida) e se consolidou com o convívio mais próximo junto à minha mãe, nos últimos anos de sua vida, do qual falarei mais adiante.

Em *Minha formação*, Nabuco (1900) nos fala, de modo reflexivo, como um intelectual, sobre os pensadores que o influenciaram e ajudaram a definir suas escolhas políticas, sobre os conflitos ideológicos que viveu; sobre as viagens que fez, sobre os personagens que encontrou, sobre suas ambições e frustrações. Em contraste, o capítulo XX, mais confessional, denominado “Massangana”, narra um acontecimento crucial de sua infância e os desdobramentos que a ele se seguiram. O título faz menção ao nome do engenho de sua madrinha, em Pernambuco, com quem viveu os primeiros oito anos de sua vida, já que sua família permanecera no Rio de Janeiro.

Nabuco inicia a narrativa com uma reflexão sobre o papel que a infância desempenha na definição da personalidade do sujeito, verdadeira teoria psicanalítica *avant-la-lettre*:

O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, mas ao qual ele terá sempre de se cingir sem o saber. Os primeiros 8 anos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral, definitiva... só eles conservam a nossa primeira sensibilidade apagada... Eles são, por assim dizer, as cordas soltas, mas ainda vibrantes, de um instrumento que não existe mais em nós. Meus moldes de idéias e de sentimentos datam quase todos desta época (Nabuco, 1900, p. 159).

Em seguida, ele passa a descrever o ambiente protegido, poético e acolhedor do engenho:

Na planície estendiam-se os canaviais cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás carregados de musgos e cipós, que sombreavam de lado a lado o pequeno rio Ipojuca... Durante o dia, pelos grandes calores, dormia-se a sesta, respirando o aroma, espalhado por toda a parte, das grandes tachas em que cozia o mel. O declinar do sol era deslumbrante, pedaços inteiros da planície transformavam-se em uma poeira de ouro; a boca da noite, hora das boninas e dos bacuraus, era agradável e balsâmica, depois o silêncio dos céus estrelados, majestoso e profundo (Nabuco, 1900, p. 160).

O lugar na verdade pode ser compreendido como a extensão e a representação do carinho que sua madrinha lhe dedicava e que ele retribuía:

Fiz, há pouco, menção de minha madrinha... Das recordações da infância a que eclipsa todas as outras e a mais cara de todas é o amor que tive por aquela que me criou até os meus oi-

to anos como seu filho... Sua imagem, ou sua sombra, desenhava-se por tal modo em minha memória, que eu a poderia fixar se tivesse o menor talento de pintor (Nabuco, 1900, p. 164).

É nesse ambiente idílico que ocorre o incidente perturbador que vai marcá-lo:

Eu estava sentado uma tarde no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida. Foi este o traço inesperado que me fez descobrir a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava (Nabuco, 1900, p. 162).

A instituição que ele descobre é a escravatura que seu olhar havia naturalizado. Inesperadamente ela se desvela – dor oculta que fora até então – ali, no patamar da escada. Essa revelação se transmuta de imediato em força moral, em embrião de um empenho missionário:

A escravidão para mim cabe toda [nesse] quadro esquecido da infância, em uma primeira impressão que decidi, estou certo, do emprego ulterior de minha vida. Assim eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repeli-a com toda a minha consciência, como a deformação utilitária da criatura (Nabuco, 1900, p. 162).

Não foi à toa que o texto de Nabuco prendeu minha atenção, já que, de certa forma, ele espelhava minha própria experiência. Ambos acabamos por conceber, em retrospecto, a infância como o território de vivências fundantes, decisórias. Cada um de nós vivia imerso num universo protegido, impregnado de uma beleza tranqüila, desatentos à tensão presente na vida social que nos envolvia. Fomos, os dois, despertados desse alheamento pelo confronto abrupto com uma realidade inescapável, impregnada de inquietante estranheza, criadora de uma angústia desconhecida cuja resolução vai se alcançar através da promessa elevada de travar o bom combate.

O evidente paralelismo entre as duas experiências deve, pois, ter desaguado na minha identificação com o que Nabuco vivera. Mas até aqui nada existe que levante a suspeita de estarmos diante de uma recordação encobridora. A luz virá na continuação do relato do líder abolicionista, quando ele evoca outra experiência dolorosa criadora de uma perspectiva inteiramente nova para entendermos o que lhe ocorrera:

A noite da morte de minha madrinha é a cortina preta que separa do resto de minha vida a cena de minha infância.

Eu não imaginava nada, dormia no meu quarto com a minha velha ama, quando ladainhas entrecortadas de soluços me acordaram e me comunicaram o terror de toda a casa. No corredor, moradores, libertos, os escravos, ajoelhados rezavam, choravam, lastimavam-se em gritos; era [...] uma cena de naufrágio; todo esse pequeno mundo, tal qual se havia formado durante duas ou três gerações em torno daquele centro, não existia mais depois dela: seu último suspiro o tinha feito quebrar-se em pedaços (Nabuco, 1900, p. 166).

Nabuco já escrevera que a madrinha o tratava de “filhinho” e que ela vinha acumulando um pecúlio – “parte de suas sobras em moedas de ouro, que ela guardava sem que ninguém soubesse” –, que lhe seria oferecido quando fosse adulto. Ele conta também que “os velhos servidores [...] me reputavam herdeiro presuntivo do pequeno domínio de que faziam parte”. Com a morte da madrinha, todas essas expectativas se desmantelam. Não só “o tesouro acumulado parcela por parcela não veio a minhas mãos, nem teria podido vir por uma transmissão destituída das formas legais”, como também, tal como os escravos, ele deve agora “mudar de senhor”, trocar a “velha santa” que o havia perfilhado “para as mãos de uma família até então estranha” (Nabuco, 1900, p. 165):

Eu também tinha que partir de Massangana, deixado por minha madrinha a outro herdeiro, seu sobrinho e vizinho; a mim ela deixava um outro de seus engenhos, que estava de fogo morto isto é, sem escravos para trabalhar... Ainda hoje vejo chegar, quase no dia seguinte à morte, os carros de bois do novo proprietário... Era a minha deposição... Eu tinha oito anos. Meu pai pouco tempo depois me mandava buscar (Nabuco, 1900, p. 166).

O texto é praticamente auto-explicativo. Nabuco dormia o sono dos inocentes e “não imaginava nada”, tal como nada suspeitava sobre a escravidão. Ele então é desperto não só *pelo* “temor de toda a casa”, mas *para* o temor figurado na perda da mãe-madrinha, na troca de família e na posição de deserddado. A emoção que o acomete necessita ser expressa em expressões fortes: “uma cena de naufrágio”; “era minha deposição”.

Doze anos mais tarde – aos vinte, portanto –, Nabuco volta a Massangana. Visita a capelinha onde fora enterada sua madrinha, observa a substituição do engenho pela usina, atravessa o cemitério dos escravos coberto de urtigas, é tomado por uma onda de reminiscências na qual evoca os negros pelos nomes e revela: “Foi assim que o problema moral da escravidão se desenhou pela primeira vez aos meus olhos em sua nitidez perfeita e com sua solução obrigatória” (Nabuco, 1900, p. 168).

Ali mesmo, entre os túmulos que considera sagrados, ele resolve:

... formei a resolução de votar a minha vida, se assim me fosse dado, ao serviço da raça generosa entre todas que a

desigualdade da sua condição enternecia em vez de azedar e que por sua doçura no sofrimento emprestava até mesmo à opressão de que era vítima um reflexo de bondade... (Nabuco, 1900, p. 168).

A redenção “do problema moral da escravidão” se confunde com a forma encontrada por Nabuco para elaborar sua própria destituição. A “solução obrigatória” está fundida com a necessidade de alcançar a própria alforria através da liberação dos cativos.

Na época, quando terminei a leitura do capítulo, um tanto desconcertado pelo elogio de Nabuco à passividade dos negros, fui assaltado – esse foi o sentimento – por uma lembrança que teve o significado de um *insight*. Veio-me à memória que as idas ao Rio de Janeiro ocorreram justamente ao longo da gravidez de minha mãe e persistiram algum tempo após o nascimento de minha irmã. Agora a história de Nabuco se rebatia como que por extenso sobre a minha, esclarecendo a suposição que eu fizera de que havia um elemento de recordação encobridora na evocação da cena da estação. O fato é que eu fora destronado da posição de filho único e que as viagens visavam então propiciar descanso a minha mãe e deixar-lhe mais tempo para cuidar da recém-nascida. Eu estava sendo afastado de casa, meu lugar fora tomado por uma intrusa e nem sequer a perspectiva de encontrar minha madrinha aliviava o sentimento de exílio e exclusão. A visão dos meninos, plantados na estação, sem destino, era a representação viva do que se passava na minha alma. Dedicar-me a eles era uma maneira de restaurar seus direitos, encontrar alívio para meu sofrimento.

Resta falar agora da outra influência – o convívio mais estreito mantido com minha mãe no fim de sua vida –, relacionada com o interesse despertado em mim por esse gênero de lembrança.

A morte de meu pai, com quem fora casado por mais de cinquenta anos, afetou, como seria de esperar, profundamente, e em mais de uma maneira. Ela passara a vida sob suas asas, numa dependência extremada, e ao perdê-lo, sentiu-se confusa, além de desamparada. Seu trabalho de luto apoiou-se na idealização do falecido e na esperança de segui-lo em breve. Como a primeira não se sustentasse e a segunda não se realizasse, ela aceitou, passo a passo, experimentar certa autonomia antes não vivida e retomar as relações e sobretudo as aflições – seu verdadeiro combustível – relativas à vida familiar (filhos, netos, bisnetos).

A reconquista dessa rotina e sua estabilidade abriram caminho para um novo conteúdo expressivo que, em crescendo, ocupou boa parte das suas falas nos dez anos que lhe restaram de vida. Minha mãe começou a evocar sempre que a oportunidade surgia – e não foram poucas as ocasiões propícias – as circunstâncias de sua partida de Drohobiz (a aldeia em que vivia na Polônia) rumo ao Brasil, para encontrar-se com o noivo e futuro esposo. O relato, pungente e atormentado, pouco variava: num dia em que

a neve cobria as estradas, foram todos de trenó – pais, irmã, tios, primos – acompanhá-la à estação para tomar o trem que a levaria ao porto. Constante era a menção à frase de seu pai: “Com você vai junto nossa felicidade”. A família morreu toda, pouco depois, no Holocausto, e com a viuvez, que veio a ocorrer cinco décadas mais tarde, descobriu-se uma sobrevivente. Creio que essa condição foi tornando cada vez mais patética a evocação da figura do pai na estação, acentuando o tom acusatório da frase que este lhe dissera no momento da partida. Então ela se lastimava: “Fui uma filha ingrata, abandonei-os; por que não os trouxe para o Brasil?”

Minha mãe passou a sonhar todas as noites com Drohobiz, vendo com nitidez as ruas, as casas, os campos e, naturalmente, os pais e a irmã. À mesa, quando eu ia visitá-la, ela me contava esses sonhos, se surpreendia com os detalhes e elevava o tom auto-acusatório. A figura do marido antes tão exaltada – meu pai conseguira salvar a própria família do extermínio – foi ficando esmaecida e o pros-cênio foi então ocupado pela despedida e a culpa a ela atrelada. Depois de um certo tempo, ela acrescentou à cena da partida um novo episódio, que contava com intensa emoção. Quando o trem parou numa cidadezinha próxima, viu, surpresa, o pai subir no vagão e lhe entregar um candelabro votivo de prata, peça moderna, estilizada, que cairia bem no *décor* de um filme expressionista alemão.

Já gravemente doente, no hospital, minha mãe voltou à carga com o mesmo empenho: não devia tê-los abandonado. Argumentei que, ao deixá-los, ela havia se reunido com meu pai e constituído uma bela família, de variada descendência, da qual, poderia se orgulhar. Ela me olhou nos olhos e foi peremptória: “Eu deveria ter ficado lá e morrido com eles”.

O relato de minha mãe é persuasivo, mas em certo momento, sem perder essa característica, vai se tornar inconsistente. Não é crível que meu avô, com seu trenó, conseguisse alcançar o trem na estação seguinte. O adendo à história – uma recordação encobridora – não está ligado à ordem factual, e sim à necessidade de construir um cenário que fosse continente das emoções contraditórias que ela estava vivendo e que pudesse ser traduzido numa narrativa que as cimentasse coerentemente.

Penso que minha mãe ficou ressentida porque seu pai nada fez para retê-la. Ela ia se entregar a outro homem, num país distante, e ele parecia aceitar aquilo como se a separação e a partida subsequente fossem um fato consumado. Mais ainda: talvez, suspeitava ela, ele desejasse que ela se fosse mesmo, para ficar a sós com a mãe e a irmã mais nova.

“Com você vai junto nossa felicidade”; “Fui uma filha ingrata, abandonei-os; por que não os trouxe para o Brasil?”; “Eu deveria ter ficado lá e morrido com eles” são frases que podem muito bem ter como contraface: “Não suportou deixar você para minha mãe e minha irmã”; “Você me traiu, deixando que eu partisse para o Brasil”; “Seu de-

ver era ficar ao meu lado e impedir que eu viajasse”.

É essa dor edipiana que a impele a agregar um novo episódio à despedida, remanejando a seu favor, numa ilusão consentida, a trama que tanto a afetava. O que ela descreve é uma cena íntima: no vagão-alcova, num *tetê-á-tetê*, uma declaração de amor daquele pai que deixara para trás as outras mulheres. Dar-lhe o candelabro, em segredo, era entregar-lhe o cetro, era revelar-lhe o seu desejo que fosse ela a encarregada de acender as velas nas noites de *Shabbat*.

Desde sempre, em minhas recordações esse candelabro ocupa o centro da mesa, as cinco velas acesas em todas as celebrações da casa de meus pais. De algum jeito ele chegou às mãos de minha mãe. De alguma maneira a morte de meu pai permitiu que eu me aproximasse de sua história.

•••

Numa conversa com colegas nossos, transcrita no livro *Conferências brasileiras* (Green, 1990), um dos participantes pediu ao autor que falasse sobre a questão da verdade material e da verdade histórica (esta última entendida como aquela que transpira do processo transferencial). Green discorre dizendo que, ao longo da obra de Freud, a psicanálise foi identificada com o levantamento da amnésia infantil e que a metáfora arqueológica permaneceu sempre muito presente em Freud. Essa metáfora implicaria a permanência íntegra da lembrança recalçada, que vai ser reencontrada pelo trabalho analítico tal qual havia sido perdida. Conforme esse modelo, o passado está constituído e o que a análise faz é descobri-lo. Já, prossegue ele, segundo outra concepção, a constituição do sujeito histórico na análise sucede à descoberta do passado: feita esta, é necessário construí-lo. A situação transferencial funciona como um modelo analógico, “de forma que uma lembrança se constitua retroativamente no passado”. Não se trata de “desenterrar” (através do vínculo transferencial) uma lembrança, mas de “recriar na atualidade da sessão as condições da constituição da lembrança” (Green, 1990, p.128).

Penso que essas condições são formadas por uma confluência complexa, “um número de motivos sem relação com a exatidão histórica” (Freud, 1962/1889), alimentadas pela organização do mundo interno do sujeito cujo funcionamento, ao mesmo tempo que é influenciado pelo aporte factual, confere a este último um sentido único, vinculado à estrutura daquela organização.

É esta que escolhe e discrimina o objeto e/ou situação que lhe dá a cobertura mais adequada para exprimir as questões que está enfrentando e que foram criadas pelo seu próprio funcionamento. Sem postular, por exemplo, a presença de um vínculo objetal marcado pelo desejo – meu, de Nabuco e de minha mãe – de manter a posse única do objeto primário e de controlá-lo, e *sem acompanhar o destino dado a esse desejo*, nossa compreensão careceria de uma dimensão metapsicológica.

Creio que o vínculo transferencial que estabeleci com o texto de Nabuco foi, inicialmente, de natureza projetiva.

O trabalho interpretativo que se seguiu permitiu o desvendamento de alguns componentes das “condições de constituição”, vinculando-as basicamente a experiências afetivas infantis que permaneceram vivas, acessíveis, porém deslocadas para outro campo, que lhes deu uma forma de expressão produtiva.

Existe então uma dinâmica que orienta a escolha e a fixação de uma lembrança específica. As “condições de constituição da lembrança” devem implicar uma afinidade entre a atmosfera afetiva produzida pela trama das relações com os objetos internos (e desses entre si) e o evento que é flagrado para exprimi-la. Se, por um lado, é verdade que as relações com os objetos externos e os acontecimentos históricos nos impactam, criando uma memória afetiva que é determinante para a organização de nossa personalidade, por outro é também verdade que nós podemos infundir em objetos e acontecimentos (alguns dos quais, de outra maneira, pareceriam anódinos) uma carga afetiva peculiar que termina por lhes conferir uma relevância inesperada.

É justamente a essa forma particular de tratar o objeto que Meltzer (1988) dedica o terceiro capítulo do seu livro *The apprehension of beauty*, intitulando-o “On first impressions”. Nele o autor procura entender a mecânica interna daqueles encontros em que ocorre, subitaneamente, uma abertura sem barreiras para o outro, o desejo de uma comunhão afetiva imediata, o amor à primeira vista. Ele se interroga sobre a natureza do impacto provocado pela presença de um estrangeiro que nos impele ao desvelamento quase instantâneo de nossa intimidade e ao estabelecimento de uma simpatia apaixonada (ou, também, de um ódio repentino e uma hostilidade impetuosa), situações todas que nos deixam nus e vulneráveis. Afinal, quais os critérios que orientam a varredura feita pelo mundo interno da pessoa quando a dispõe à experiência do *coup-de-foudre*?

À guisa de compreensão, Meltzer sugere tentativamente que

O inconsciente faz um sonho envolvendo a outra pessoa, o estrangeiro [...] nosso sonho primal de amor [...] no qual atribuímos ao estrangeiro o papel de protagonista e avaliamos sua adequação para o papel, do mesmo modo que o faz um diretor de teatro... Nossas mentes estão cheias de personagens à procura – não de um autor, já que nós mesmos o somos –, mas de atores que se encaixem nos papéis... Assim a transferência povoa a área íntima de nossas vidas (Meltzer, 1988, p. 37-38).

Como se trata de um modelo assentado no “sonho” de amor com o objeto primário, o enredo decorrente será conotado pelas variantes do vínculo amoroso, o que em termos psicanalíticos se traduz basicamente pelos registros infantil e adulto. O primeiro vai espelhar a *impossibilidade* de aceitar a des-ilusão acarretada pela perda das expectativas oniscientes e onipotentes junto aos pais. Assistiremos,

em decorrência, a um drama fixo que leva os atores à exaustão, impondo a substituição do elenco (ou, no pior dos casos, quando os atores são incansáveis, leva-os à repetição infundável da peça). Quando o registro é adulto, a perda da ilusão mencionada não desemboca na tentativa obsessiva de recuperá-la nem em acusações ressentidas ao “desatendimento” dos pais. Isso permite que se engajem novos atores para representar novos papéis em novas peças cujo enredo e montagem são a expressão das vicissitudes que a companhia enfrentou para manter-se produtiva.

Não terá escapado ao leitor o encadeamento que procuro estabelecer entre o contexto que cria as condições para a constituição de uma lembrança, a concepção desta como produto de uma relação transferencial imediata e fulgurante e as três experiências aqui narradas. Há uma correspondência acentuada entre o modo de Meltzer compreender o impacto produzido por certas impressões iniciais e a forma como as três pessoas evocam os acontecimentos por elas consideradas indutores de uma mudança radical em suas vidas. O escravo desesperado que precisa de um senhor confiável, os meninos cujos olhares pedintes e sofredores mesmerizam o meu, o pai lastimoso que deixa escapar seu queixume na estação, são todas *gestalten* que funcionam como atores a um só tempo escolhidos por se encaixarem às exigências do papel e conformados para o servirem.

Trata-se de continentes finamente elaborados que se oferecem à projeção atraindo e fixando o sofrimento. Se por um lado eles o revelam, por outro encobrem sua origem transferencial, permitindo que a pessoa se identifique com a dor que neles projetara. É essa identificação que vai balizar o projeto seminal de Nabuco e permitir a mim a elaboração de um distanciamento crítico ambivalente diante da onipresente ordem burguesa.

Se a Nabuco e a mim foi dada a possibilidade de organizar um projeto de vida a partir da “primeira impressão”, minha mãe não teve a mesma sorte: a História tomou um curso que impediu qualquer encaminhamento nessa direção ao separar as duas partes de sua vida. Entretanto, sua ruminação tardia, na qual imaginava mil artimanhas retroativas para trazer os pais para o Brasil (viriam como turistas; entrariam furtivamente por alguma fronteira mal guardada; ficariam escondidos; com nosso jeitinho obteriam papéis...), testemunha seu desejo de voltar ao objeto para repará-lo e aliviar-lhe o sofrimento. Vista dessa maneira, a cena da entrega do candelabro ganha um significado complementar: o pai vem dizer-lhe que reconhece seus esforços para resgatá-los e que, por isso mesmo, continua a amá-la como sempre o fez.

Um dos riscos de publicar um texto como este – que abriga um tom confessional – é vê-lo tratado como psicobiografia. Por esse viés, as idiosincrasias pessoais e os fatos que delas emanam acabam abordados pelo prisma de uma psicologia explicativa pronta para reduzir ideais a idealis-

mo, fantasia a ilusão, e por conceber as versões aqui narradas como mera produção sintomática, já agora esclarecida por um raciocínio de causa-e-efeito: ao cabo o que nos fica na mão são vidas sem poesia.

Gostaria de ter evitado essa armadilha e apostar que o foco de uma eventual discussão vai se concentrar na misteriosa elevação que está presente no encaminhamento que cada um tentou dar ao momento seminal de suas vidas.

Referências

- Castelnuovo-Tedesco, P. (1978). The mind as stage: Some comments on reminiscence and internal objects. *International Journal of Psychoanalysis*, 59, 19-26.
- Freud, S. (1962). *Screen memories*. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 303-322). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1889).
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: Metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- Greenacre, P. (1949). A contribution to the study of screen memories. *Psychoanalytic Study of the Child*, 3, 73-84.
- Meltzer, D. (1988). *The apprehension of beauty*. Scotland: Clunie Press.
- Nabuco, J. (1900). *Minha formação*. Rio de Janeiro: TopBooks.

Resumo

O tema deste trabalho são as narrativas de acontecimentos que as pessoas lembram como momentos fundantes em suas vidas, determinantes de seu destino. O autor menciona três deles: um autobiográfico, um ocorrido com um familiar e outro extraído de um texto literário clássico. Sua hipótese, apoiada basicamente em Freud, Green e Meltzer, é de que tais relatos são uma forma peculiar de lembrança encobridora que difere daquela habitualmente descrita na literatura, pois as aqui narradas têm a característica de expor a dramaticidade inerente ao conflito vivido pelas pessoas. O que permanece oculto, no entanto, é a origem do conflito.

Palavras-chave

Deslocamento. Evocação. Ilusão. Lembrança encobridora. Memória.

Summary

Chance, fate, remembrance

The subject of this paper are the narratives people give about the event they consider most decisive in orientating the course of their lives. The author gives three examples of the class: one is autobiographic, another collected from a close relative and the third is chosen from a classic of Brazilian literature. The point the author makes, mentioning as his sources Freud, Green and Meltzer, is that these narratives are a peculiar form of screen memory that differs from the usual one described in common literature because they conserve and communicate the dramatic feelings related to the conflict these people are experiencing. What remains hidden in these cases is the origin of the conflict.

Key-words

Displacement. Recollection. Illusion. Screen memory. Remembrance.

A ilusão especular

Adela Stoppel de Gueller*

O pensamento de Lacan parece nos conduzir sempre até os limites mais paradoxais da experiência humana, retendo deles seu aspecto de engodo e de vazio, negando-se a dialetizar os opostos. Rompe assim o pensamento dualista e a lógica com que habitualmente pensamos, que é uma lógica binária, baseada no par identidade/oposição.

Pela introdução de um terceiro termo, Lacan desestabiliza esse par e uma série de oposições bem estabelecidas, obrigando seu leitor a redefinir e ressituar tudo o que já tinha tomado como base de seu conhecimento. Questionam-se radicalmente as categorias de verdadeiro e falso (aparência), sujeito e objeto, realidade e fantasia. Detemo-nos aqui num par que toca a todos esses - o visível e o invisível -, que tem seu contraponto no termo “indivisibilidade”.

Abandonando a posição de observador ingênuo, que toma como individualidades¹ imediatamente reconhecíveis a imagem no espelho e o corpo próprio, Lacan nos obriga a desconstruir a concepção de base pela qual todo corpo (humano) tem por si mesmo uma certa individuação. O corpo próprio só adquire sua individuação pela experiência constitutiva do espelho, ou seja, por algo que ele vê.

Lacan começa sua clínica trabalhando com a paranóia, que é a matriz clínica com a qual pensou o que inicialmente é a estruturação da personalidade, e mais tarde a desdobrou até abranger a estrutura paranóica do conhecimento humano. Desde o princípio ele se posiciona contra as concepções psicogenéticas e organogênicas e concebe um modelo estrutural para pensar a constituição da subjetividade em termos dialéticos. O mundo da psicose lhe mostra os fracassos da integração simbólica e, ao mesmo tempo, lhe permite- ilustrar a estrutura do sujeito humano. A fase pré-psicótica organizada em torno de uma identificação mimética (organização “como se”) também mostra a estrutura da alienação narcisista do eu.

O estádio do espelho foi a comunicação inaugural de Lacan no campo da psicanálise e, como tal, deixou sua marca. Perpassa toda a sua obra e foi incorporado não só ao *corpus* da teoria psicanalítica, mas ao saber científico em geral. Analogamente ao *objeto transicional*, de Winnicott, essa descoberta parece portar uma verdade ignorada até

1936, que, uma vez revelada, permanece para sempre. Curiosamente, Lacan não se apresenta como o descobridor desse fenômeno, e sim como aquele que deu uma interpretação nova ao revelar a estrutura narcisista do eu.

A comunicação oral apresentada no congresso da International Psychoanalytic Association intitulava-se “The looking-glass phase” e foi proferida em francês, em sessão presidida por Ernest Jones, que interrompeu o jovem e desconhecido Lacan assim que se passaram os dez minutos regulamentares de fala. Lacan (com raiva?) nunca deu a conhecer esse texto inaugural e só em 1949 publicou um escrito sobre o tema. Contudo, ao longo de sua obra, retomou diferentes elementos dessa experiência/metáfora/matriz, para pensar a teoria psicanalítica. A cada vez, destacou um novo aspecto, uma nova perspectiva sobre o olhar, sobre o lugar da imagem e do corpo, sobre o sujeito. É uma espécie de caleidoscópio, que, ao ser girado, monta com os mesmos elementos uma nova composição. Até que, no Seminário 11, desmontando a *pulsão*, Lacan desmonta seu brinquedo.

Wallon, um Outro de Lacan

Devemos reconhecer em Lacan um leitor de Wallon, talvez o psicólogo mais importante da França do século XX. Os dados observacionais e comparativos que Lacan traz no texto de 1949 são resultado dessa leitura, pois ele não foi um observador de crianças, mas um leitor de leitores preocupados com a criança.

Lacan retoma uma série de temas caros a Wallon: o espaço virtual, o lugar e a importância do outro, as diferentes dimensões do corpo e a capacidade simbólica. Por isso supomos em Wallon um Outro da palavra de Lacan, ou seja, alguém a quem Lacan endereça sua mensagem para que ela decida seu sentido; Outro que determina se o que se diz é procedente ou improcedente; Outro que se situa como código de referência entre o falante e o ouvinte do discurso de Lacan.

Explicitamente Lacan reconhece certa influência de Wallon em sua descoberta, porém não é seu estilo fazer menção ou indicar as referências utilizadas. Sabemos que,

* Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Autora de *Vestígios do tempo. Paradoxos da atemporalidade no pensamento freudiano*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005. Coordenadora do curso de especialização em Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae. Membro do Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae. Professora do curso de especialização em Teoria Psicanalítica da Cogeaie-PUC/SP.

1 Lembremo-nos de que indivíduo é aquele que não se divide.